

Que rio é esse que está no jornal?

Uma análise de conteúdo dos textos sobre o Rio Sorocaba publicados no jornal *Cruzeiro do Sul* em 2023

Guilherme Profeta¹Vanessa Aparecida Ferranti²

Resumo

Este artigo é guiado pela seguinte questão: quais temáticas estão associadas ao Rio Sorocaba quando ele é representado nos textos de jornalismo impresso na Região Metropolitana de Sorocaba (RMS)? Para respondê-la, foi conduzida uma Análise de Conteúdo de todos os textos publicados sobre o rio no jornal *Cruzeiro do Sul* no ano de 2023. Foram estabelecidas 18 categorias de classificação, dentre as quais "Enchentes" (24,68%) foi a mais proeminente. De modo geral, pode-se considerar que a representação jornalística do rio está associada a empecilhos para a vida urbana. Os dados obtidos e sistematizados a partir dessa análise podem ajudar a orientar a comunidade jornalística da região, direcionando pautas alternativas sobre a relação entre humanos e recursos hídricos, além de direcionar o trabalho de professores que intencionem se utilizar de leituras jornalísticas em aulas voltadas à educação ambiental e à educação midiática.

Palavras-chave: Jornalismo ambiental. Rio Sorocaba. Análise de Conteúdo.

What river is this in the news? A Content Analysis of Stories About the Sorocaba River Published in the *Cruzeiro do Sul* Newspaper in 2023

Abstract

This paper is guided by the following question: What themes are associated with the Sorocaba River when it is represented in print journalism texts within the Metropolitan Region of Sorocaba? To address this, a Content Analysis was conducted on all texts published about the river in the newspaper *Cruzeiro do Sul* in 2023. A total of 18 classification categories were established, among which "Floods" (24.68%) emerged as the most prominent. Overall, the journalistic representation of the river can be seen as primarily linked to challenges for urban life. The data collected and systematized through this analysis can assist the regional journalistic community by guiding alternative story angles on the relationship between humans and water resources. Furthermore, these findings may support educators interested in incorporating journalistic readings into lessons on environmental education and media literacy.

Keywords: Environmental journalism. Sorocaba River. Content Analysis.

¹ Pós-doutor pela Divisão de Difusão Cultural do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (USP), doutor em Educação pela Universidade de Sorocaba (Uniso), jornalista. Docente titular dos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e Comunicação e Cultura (PPGCC) da Uniso. E-mail: guilherme.profeta@prof.uniso.br.

² Bacharela em Jornalismo pela Uniso. Mestranda no PPGCC da Uniso. E-mail: vanessa.ferranti@hotmail.com.

Introdução³

Notícias de jornal (e textos jornalísticos de modo geral) não são meros reflexos da realidade, mas, em vez disso, narrativas construídas *por* alguém e *para* alguém, “resultado de processos complexos de interação social entre agentes sociais” (Traquina, 2005, p. 173). Ao mesmo tempo em que as notícias representam a realidade, elas também mudam essa realidade, ajudando a construí-la — seja no sentido de mudar a forma como as pessoas entendem o mundo, operando no nível das associações entre linguagem e mapas conceituais que constituem as culturas, e/ou, ao fazê-lo, mudar as próprias pessoas que efetivamente mudarão o mundo. Daí decorre a importância de se estudar como questões socialmente agudas do tempo presente, como, por exemplo, as questões relativas ao meio ambiente e, especialmente, à crise ambiental, são representadas nas e pelas mídias jornalísticas.

Especificamente em relação às questões ambientais, Bueno (2007) define três funções básicas para o jornalismo que se presta a tratar dessa temática — o que, grosso modo, seria chamado de jornalismo ambiental: a função informativa, *sine qua non* a todo jornalismo; a função política, no sentido de mobilizar os cidadãos a se posicionar e fiscalizar (assim como enfrentar) os agentes agravantes da crise ambiental, incluindo o próprio poder público; e a função pedagógica (ou educacional), que diz respeito ao jornalismo em sua condição de educação informal, provendo a seus leitores *educação* sobre temas ambientais (o que é substancialmente diferente de prover *informação* sobre os mesmos temas, ainda que não haja educação sem informação).

Utilizou-se o termo “grosso modo” no parágrafo anterior porque nem todo texto jornalístico *sobre* meio ambiente pode ser considerado, de fato, jornalismo ambiental. Aspectos que vão determinar o salto de uma categoria à outra são, segundo Girardi (2018), os níveis de conhecimento e engajamento de seus autores sobre a temática, o que implica a definição da abordagem de uma pauta, a prospecção das fontes e a escolha de termos empregados no texto. Por exemplo:

Uma reportagem que trata a monocultura de eucaliptos como floresta, o uso de “defensivos agrícolas” (em vez de venenos) como uma necessidade para a produção de alimentos, ou a extinção de determinado peixe em um

³ Publicação relacionada ao projeto “Desenvolvimento da Região Metropolitana de Sorocaba (RMS): Contribuições para a Sustentabilidade Social e Ambiental”, com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq-Brasil), processo 440869/2022-6.

rio como algo sem importância, presta um desserviço para a educação ambiental do público (Girardi, 2018, p. 18-19).

Nesses exemplos, as respectivas pautas podem até ser informativas, mas, na concepção da autora, não dão o passo além, o de contribuir para a educação ambiental do público leitor. Primeiro porque, em seus contextos particulares, se utilizam de termos que ora simplificam a discussão (floresta *versus* monocultura) ora se utilizam de prosódia semântica inadequada (defensivo *versus* veneno), assim levando a diferentes representações — o que, de forma bastante simplificada, significa “utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas” (Hall, 2016, p. 31).

Formas de interpretar o mundo, com base nessas representações, dependem do compartilhamento dos mesmos mapas conceituais, o que significa “pertencer à mesma cultura” (Hall, 2016, p. 36). Textos jornalísticos, ao reforçar representações sobre certas temáticas, são, assim, mecanismos de endoculturação, ajudando a estabelecer conceitos que nos possibilitam atribuir significados compartilhados ao mundo. No caso dos textos sobre meio ambiente, isso pode ser feito de formas diferentes e, a exemplo de Girardi (2018), há autores que defendem que

[...] para que uma reportagem seja considerada Jornalismo Ambiental deve apresentar algumas das seguintes características: mostrar uma visão sistêmica dos fatos; dar conta da complexidade dos eventos ambientais; contemplar a diversidade dos saberes e não ser refém de fontes oficiais; defender a biodiversidade e a vida em sua plenitude, o que significa deixar de ser imparcial; assumir seu papel educativo, cidadão e transformador (Girardi, 2018, p. 19-20).

Se tomamos as respostas antrópicas à crise ambiental como importantes para a manutenção da vida no planeta Terra e o jornalismo (especialmente o jornalismo ambiental) como uma das “forças” midiáticas — mas não a única — que pode mobilizar cidadãos a se posicionar sobre determinadas questões e, conseqüentemente, mudar suas atitudes, é importante compreender quais temáticas estão representadas no jornalismo ambiental *mainstream*, ou, em outras palavras, no jornalismo ambiental que opera na grande imprensa.

Nesse sentido, um estudo recente (Profeta, 2023a) analisou o conteúdo da cobertura ambiental de um dos principais jornais brasileiros, a *Folha de S. Paulo*. O corpus

analisado compreendeu um mês construído⁴ entre os meses de abril e novembro de 2022, período em que a cobertura ambiental do veículo foi categorizada em oito grupos temáticos: “Política e/ou legislação ambiental” (11% da cobertura no mês construído), “Mineração” (7%), “Desmatamento” (15%), “Emissão de gases causadores do efeito estufa e/ou mudanças climáticas” (18%), “Questões indígenas” (11%), “Crise da biodiversidade” (15%), “Cobertura da COP27” (15%) e “Poluição” (7%). Esse estudo serviu para, minimamente, oferecer uma ideia das temáticas mais amplas a que a discussão ambiental está associada nessa cobertura específica, bastante relevante em nível nacional.

Não houve, a partir do *corpus* construído nesse estudo, uma categoria específica para a crise hídrica e, dentre os textos classificados na categoria “crise da biodiversidade”, somente um fez referência à vida aquática, ainda que — vale lembrar — esse seja um dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU) e um dos tópicos essenciais para compreender (e idealmente mitigar) o impacto das ações humanas sobre os ecossistemas.

Os recursos hídricos pertencem aos ecossistemas mais intensamente influenciados pela ação humana na Terra, principalmente em função de sua posição na paisagem e pelo fato d[e] as maiores densidades populacionais humanas e suas atividades associadas concentrarem-se historicamente ao longo dos cursos d’água (Cruz, 2013, p. 11).

A urbanização dos arredores dos recursos hídricos, bem como as modificações decorrentes desse processo, “geram poluição, desmatamento da vegetação ciliar, aumento das taxas de descarga de sedimentos e eutrofização dos corpos d’água” (Cruz, 2013, p. 11), de modo que “a média de declínio da biodiversidade de água doce projetada chega a ser cinco vezes maior que a taxa estimada para a fauna terrestre” (Cruz, 2013, p. 11).

Tratando-se dos elementos fisiográficos que constituem a região de Sorocaba — ou seja, de todos aqueles agentes que influenciam a formação da paisagem —, o Rio Sorocaba é, segundo Pereira (1994 *apud* Manfredini; Guandique; Rosa, 2015), o mais relevante. Dada essa importância para a RMS, é natural que existam pesquisas acadêmicas sobre o rio

⁴ Edições foram selecionadas a partir de “1º de abril de 2022 e sempre com um intervalo de oito dias entre uma e outra edição [...], de modo a contemplar 30 edições espaçadas ao longo de oito meses e incluir números publicados em todos os dias da semana. Esse método é comumente utilizado para evitar que períodos mais ou menos profícuos (em relação à temática de interesse) ‘contaminem’ a amostra. Assim, tem-se uma lógica organizativa que contempla um longo intervalo de tempo, gerando um mês completo de publicações, mas diminuindo o peso da incidência de possíveis acontecimentos mais noticiáveis do que outros, ou de longos intervalos de ‘estiagem’ entre eles.” (Profeta, 2023a, p. 12).

Sorocaba — a exemplo das várias pesquisas focadas em sua ictiofauna. Uma busca no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), referente a trabalhos incluídos no sistema até o dia 8 de novembro de 2023, revelou 57 trabalhos contendo o termo “Rio Sorocaba”, publicados entre os anos de 1991 e 2023, em diferentes áreas do conhecimento — Biotecnologia; Ciências Ambientais; Ecologia; Engenharia Civil; Engenharia Nuclear; Engenharia Sanitária; Engenharia, Tecnologia e Gestão; Geociências; Geografia; Saneamento Ambiental. Nenhum deles, contudo (ao menos não dentre os disponíveis na base de dados da Capes), tratou da cobertura jornalística ou de representações do rio Sorocaba, mesmo que em outras mídias que não as jornalísticas, justificando assim a originalidade de tratar dessa temática, como fazemos neste estudo.

O objetivo geral deste artigo foi contribuir para a identificação de padrões na cobertura jornalística regional a respeito do rio Sorocaba, de forma tão generalista quanto possível. Isso foi feito por meio da categorização de um *corpus* composto por todos os textos sobre o Rio Sorocaba publicadas pelo jornal *Cruzeiro do Sul* — o principal da Região Metropolitana de Sorocaba (RMS) — durante o ano de 2023, sendo esse o ano completo mais recente disponível à época do estudo (em meados de 2024).

Sabe-se, naturalmente, que, mesmo dentro de uma mesma edição e de um mesmo veículo, há textos jornalísticos que cumprem funções diferentes e, ao fazê-lo, estabelecem diferentes contratos cognitivos (Motta, 2005) entre autor e leitor. O que se espera de uma notícia é diferente do que se espera de um editorial ou de uma coluna de opinião, por exemplo, mas todos, independentemente desse jogo de expectativas, estabelecem certas representações. Neste estudo, por uma questão de escopo, optou-se por não fazer essa distinção, incluindo todos os textos que tratam do rio, independentemente de suas seções no veículo e das respectivas convenções para cada tipo de texto. O objetivo, assim, é compreender as principais temáticas a que o rio está associado quando representado no jornal, ou, em outras palavras, em que circunstâncias o rio ganha noticiabilidade (*newsworthiness*), o “complexo de requisitos que se exigem para os eventos [...] para adquirir a existência pública de notícia” (Wolf, 2003, p. 195).

Espera-se que estes resultados ora apresentados possam embasar outros estudos análogos, que permitam comparar como os rios e outros recursos hídricos são representados pelas mídias jornalísticas em diferentes contextos. Além disso, é importante mencionar que a explicitação desses padrões na cobertura serve também para identificar

lacunas no noticiário — temáticas que, por razões diversas, ficam de fora do processo de seleção do que é noticiável. De posse dessa informação, a comunidade jornalística da região pode optar ativa e conscientemente por “corrigir” o noticiário, até mesmo fazendo uma opção consciente por torná-lo mais *educativo*, além de *informativo*. Ademais, esse dado também pode ser considerado por professores de todos os níveis de ensino que estejam se utilizando de textos jornalísticos como materiais didáticos complementares, até mesmo estabelecendo formas mais críticas de ler e se relacionar com esse noticiário.

Sobre o Rio Sorocaba

O Rio Sorocaba, com seus 227 quilômetros de extensão total (180 quilômetros em linha reta), é “o principal afluente da margem esquerda do rio Tietê, [...] com nascente no planalto de Ibiúna a uma altitude de cerca de 900 metros de altitude” (Manfredini; Guandique; Rosa, 2015, p. 41). Formado pelos rios Sorocabaçu, Sorocamirim e Una, cujos pontos de origem (cabeceiras) estão localizados nos municípios de Ibiúna, Cotia, Vargem Grande Paulista e São Roque (Smith *et al.*, 2007 *apud* Cruz, 2013), o Rio Sorocaba é “um rio de montanhas, com desnível acentuado, até passar por Sorocaba[,] onde o seu curso se torna mais suave” (Manfredini; Guandique; Rosa, 2015, p. 42), antes de finalmente desaguar no Rio Tietê. Dos 27 municípios que compõem a RMS, o Rio Sorocaba passa por oito — Ibiúna, Votorantim, Sorocaba, Iperó, Boituva, Tatuí, Cerquilha, Jumirim (Manfredini; Guandique; Rosa, 2015) —, além de Laranjal Paulista, que não faz parte da RMS.

Desde o processo de colonização do interior de São Paulo, o rio vem sendo parte essencial da história⁵ de Sorocaba, mas a modificação de suas condições naturais teve início no começo do século XX: em 1908, ele foi represado por meio da barragem de San Juan, em Cerquilha; seis anos depois, foi a vez da represa de Itupararanga, em Votorantim, com modificações bastante significativas no ecossistema local. Na metade do século, seu curso foi retificado com o intuito de diminuir os alagamentos às suas margens, processo que, na época, levou à destruição da vegetação ciliar natural. Na década seguinte, em 1960, a poluição causada pelo esgoto despejado diretamente em seu leito passou a ser um problema, piorado gradativamente nas décadas seguintes, até o fim do século, pela

⁵ A despeito de a história oficial da região (da qual o rio é parte importante) ter sido escrita a partir da colonização como uma espécie de marco zero — opção ideológica por uma narrativa que seria alçada ao status de hegemônica por seus próprios autores —, vale lembrar que o ser humano vem ocupando a bacia do Rio Sorocaba muito antes da chegada de qualquer bandeirante ao interior de São Paulo, desde algo em torno de 6 a 10 mil anos atrás (Bonadio; Frioli, 2004 *apud* Manfredini; Guandique; Rosa, 2015).

poluição industrial (Manfredini; Guandique; Rosa, 2015). O processo de despoluição teve início nos anos 2000 e prosseguiu até 2016, com investimentos somando R\$ 180 milhões, oriundos dos cofres municipais e federais (Programa de Despoluição, 2024).

Sobre o jornal *Cruzeiro do Sul*

Fundado em 12 de junho de 1903 e, desde 1964, mantido pela Fundação Ubaldino do Amaral (uma entidade sem fins lucrativos declaradamente baseada em prover serviços educativos, filantropia e comunicação isenta), o jornal *Cruzeiro do Sul* é um dos jornais mais antigos ainda em circulação no Brasil e o principal da RMS, sendo o único jornal impresso diário em toda a região. Sua tiragem média é de 17 mil exemplares, com um alcance médio estimado em 338 mil leitores/mês. Além de estar nos exemplares impressos, o conteúdo do periódico também pode ser acessado por meio de um portal *online*, cuja frequência de acessos é estimada em 1,5 milhão/mês (Cruzeiro, 2021; Mídia Kit, 2024).

Atualmente, a edição impressa do *Cruzeiro do Sul* é publicada de terça-feira a domingo, sendo distribuída para assinantes e também disponibilizada para venda em bancas físicas nos municípios de Sorocaba, Votorantim e Araçoiaba da Serra. O jornal está organizado nas seguintes editorias: Editorial (que pode incluir, além do editorial principal, colunas e artigos opinativos assinados); Cidades; Esportes; Geral; Economia, Mais Cruzeiro (nome da seção destinada à cobertura cultural) e Presença (seção destinada à cobertura social). Conta, ainda, com classificados, horóscopo, passatempos, necrologia e dois cadernos especiais aos domingos: Motor (sobre o universo automotivo) e Cruzeirinho (suplemento infantil que, para os fins de categorização deste estudo, foi considerado também como uma editoria).

100

Procedimentos metodológicos

Para a composição do *corpus* a ser analisado, foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão: (1) os textos deviam ter sido publicados pelo jornal *Cruzeiro do Sul* entre os dias 1º de janeiro e 31 de dezembro de 2023, em qualquer editoria e/ou seção; (2) os textos deviam conter o termo “Rio Sorocaba”. Uma busca no acervo digital do veículo, com base em tais parâmetros, resultou em 181 textos. Desse *corpus* preliminar, 23 textos foram excluídos por serem chamadas de capa ou menções incluídas na coluna “Mais lidas”. Essa exclusão se justifica pelo fato de essas ocorrências não constituírem textos completos: chamadas de capa contendo o termo “Rio Sorocaba” fazem referência a notícias e/ou

reportagens já incluídas nos respectivos miolos das mesmas edições, enquanto menções na coluna “Mais lidas”, da mesma forma, fazem referência a notícias e/ou reportagens já publicadas em edições anteriores, de modo que as incluir seria o mesmo que incluir textos em duplicidade na tabulação, contaminando os resultados. Uma vez excluídas essas ocorrências duplicadas, chegou-se a um *corpus* final de 158 textos (ou o equivalente a 13,1 textos/mês durante o ano de 2023).

Para posterior Análise de Conteúdo (Bardin, 2004), dados sobre cada texto (data de publicação, editoria, quantidade de parágrafos, amplitude regional da cobertura, quantidade de fontes) foram reunidos e organizados numa planilha dinâmica, de modo a possibilitar o subsequente cruzamento dos dados referentes à caracterização da amostra (ver seção “Caracterização do *corpus*”) e os achados qualitativos do processo de categorização (ver seções “Matriz de categorização” e “Resultados e discussão”).

Os textos foram, então, lidos e, para cada um deles foi criada uma lista de palavras-chave (acrescidas à planilha), com o intuito de permitir que as temáticas emergissem organicamente dos próprios textos, sem a elaboração de categorias a priori. Assim, foram essas palavras-chave, depois de aglutinadas, que deram origem às categorias listadas no Quadro 2 (matriz de categorização), com suas respectivas regras de inclusão, elaboradas a partir das características comuns observadas em cada grupo de textos.

Caracterização do *corpus*

De modo geral, em relação à categorização do *corpus*, os textos com menções ao Rio Sorocaba tiveram uma média de 6,07 parágrafos e 2,3 fontes⁶. A título de comparação, o mais longo dos textos incluídos no *corpus* foi composto por 21 parágrafos (um texto em que foram noticiadas obras na marginal direita do rio). No entanto, várias ocorrências (mais precisamente, 37) correspondem a apenas um parágrafo — colunas com curiosidades históricas e comentários de leitores, por exemplo.

⁶ Categorizar e discutir em detalhes as fontes propriamente ditas foge ao escopo deste artigo, mas é possível destacar que, dentre 374 fontes identificadas nos 158 textos do *corpus*, 250 foram consideradas institucionais, “aquelas fontes que falam não como testemunhas ou especialistas, mas em nome de uma organização (que pode ser oficial, como uma instância do governo, ou independente, como uma organização sem fins lucrativos)” (Profeta, 2023a, p. 16). Essas fontes representam, assim, dois terços de todas as fontes utilizadas para discutir questões relacionadas ao Rio Sorocaba, o que pode suscitar outras discussões sobre a variabilidade dos definidores primários quando se trata de pautas ambientais relacionadas ao rio, ou, em outras palavras, a variabilidade daquelas fontes que têm mais autoridade do que os próprios jornalistas para estabelecer “os limites para toda a discussão subsequente através do enquadramento da natureza do problema” (Hall *et al.*, 1973 *apud* Traquina, 2005, p. 178), reforçando estruturas e tramas de poder que permeiam toda a sociedade.

O mês em que ocorreu a maior quantidade de publicações foi fevereiro (29 ocorrências, em comparação à média de 13,1 textos/mês), conforme quadro 1, na sequência. Março (22 ocorrências) e janeiro (17 ocorrências) vêm na sequência.

Quadro 1: Publicações por mês

Mês	Quantidade de publicações
Janeiro	17
Fevereiro	29
Março	22
Abril	16
Maiο	11
Junho	10
Julho	06
Agosto	14
Setembro	08
Outubro	12
Novembro	04
Dezembro	09

Fonte: Dados da pesquisa, 2024

A maior parte dos textos (120, equivalentes a 75,9% do *corpus*) esteve concentrada na editoria “Cidades”; seguida pelos editoriais (27 textos, equivalentes a 17% do *corpus*) e pelo suplemento infantil do veículo, chamado “Cruzeirinho” (seis textos, equivalentes a 3,7% do *corpus*). Artigos opinativos (exceto os próprios editoriais) contabilizaram duas ocorrências (1,2%), enquanto textos incluídos na editoria de cobertura cultural do veículo, chamada “Mais Cruzeiro”, contabilizaram somente uma ocorrência (0,6%). Dois textos (1,2%) foram publicados sem uma editoria discernível, um num suplemento especial de aniversário da cidade e outro com características de publieditorial.

Em relação à amplitude regional da cobertura, 138 textos (equivalentes a 87,3% do *corpus*) diziam respeito ao município de Sorocaba como o principal foco da cobertura — mas vale destacar que, dentre esses 138 textos, 29 fazem menção a algum outro município da RMS, além da própria Sorocaba. De modo geral, em relação à amplitude de cobertura do *corpus* como um todo, há menções a 14 dos 27 municípios que compõem a RMS: Sorocaba, Boituva, Capela do Alto, Jumirim, Tatuí, Alumínio, Araçariguama, Ibiúna, Mairinque, Araçoiaba da Serra, Iperó, Piedade, Salto de Pirapora e Votorantim.

Matriz de categorização

O processo de categorização descrito na seção “Procedimentos metodológicos” — em síntese, compreendido pela leitura de todos os textos de 2023, com a elaboração de uma lista de palavras-chave por texto, de modo a permitir que certas temáticas surgissem organicamente, para então ser aglutinadas em categorias — deu origem a 18 categorias⁷, cujas regras de inclusão se encontram listadas na sequência, como parte do quadro 2.

Quadro 2: Matriz de categorização com regras de inclusão

Nome da categoria	Regras de inclusão
Enchentes	Textos incluídos nesta categoria abordam o transbordamento do Rio Sorocaba, geralmente como consequência de chuvas. Nestes textos costumam aparecer termos como “enchentes”, “transbordamentos”, “alagamentos” ou outros análogos. Os textos focam nos transtornos à vida cotidiana causados pelas águas do rio “invadindo” espaços urbanos. Entram nesta categoria apenas enchentes que já ocorreram (excetuando assim quaisquer previsões de enchentes vindouras).
Localização (referência geográfica)	Textos incluídos nesta categoria mencionam o Rio Sorocaba apenas como um ponto de referência. Nestes textos, o rio não é o foco principal, mas meramente um marcador geográfico utilizado para situar o leitor no ambiente (por exemplo: algo aconteceu ou está localizado <i>ao lado</i> do rio, <i>às margens</i> do rio etc.).
Campanhas (serviço)	Textos incluídos nesta categoria promovem ações institucionais voltadas ao meio ambiente (geralmente alguma atividade de conscientização). Tais textos costumam estar focados em serviço (informações úteis), geralmente incluindo informações práticas (datas e horários, endereços, números de telefone ou outras informações de contato, chamadas para alguma ação voluntária etc.), não raro destacadas ao final das matérias.
Monitoramento do nível e da condição de barragens	Textos incluídos nesta categoria têm como foco o acompanhamento (por parte dos órgãos responsáveis) do nível e da condição estrutural de barragens relacionadas ao Rio Sorocaba, englobando tanto o monitoramento em períodos de seca ou cheia, bem como riscos estruturais ou outras temáticas de alguma maneira relacionadas à infraestrutura das barragens.
Monitoramento do nível do rio (vazão de defluência)	Textos incluídos nesta categoria têm como foco o acompanhamento (por parte dos órgãos responsáveis) do nível do Rio Sorocaba, seja devido ao volume de chuvas num dado período ou por conta do escoamento de reservatórios. Estes textos podem mencionar o <i>risco</i> de enchentes (se as enchentes ainda não aconteceram, eles serão incluídos nesta categoria, e não em “Enchentes”).
Desassoreamento e/ou outras obras e	Textos incluídos nesta categoria têm como foco obras de desassoreamento do Rio Sorocaba (ou seja, obras destinadas à retirada de sedimentos do rio, de modo a restaurar a sua capacidade original e melhorar o seu fluxo)

⁷ Optou-se por uma categorização tão ampla quanto possível, com a ciência de que, uma vez sistematizados, esses resultados podem ser aglutinados em novas categorias para outras análises posteriores, a depender de novos interesses de pesquisa (por exemplo: pode-se aglutinar textos sobre o monitoramento do nível do rio e textos sobre o monitoramento do nível das barragens, ou textos sobre a qualidade da água e projetos de despoluição, ou ainda incluir as subcategorias “do leitor” às suas respectivas categorias principais, e assim por diante.

serviços públicos preventivos	e/ou outras obras e serviços públicos em geral, conduzidos no próprio rio ou em seus afluentes ou arredores, geralmente com intuito preventivo.
Descarte inadequado	Textos incluídos nesta categoria têm como foco o descarte inadequado de itens sólidos no Rio Sorocaba, como lixo e objetos diversos, até mesmo cadáveres animais ou humanos.
Datas comemorativas	Textos incluídos nesta categoria mencionam o Rio Sorocaba em função de alguma data comemorativa (o aniversário de alguma cidade, o Dia da Água, o Dia do Rio Sorocaba, o Dia do Meio Ambiente etc.).
Fauna e flora	Textos incluídos nesta categoria têm como foco a biodiversidade do Rio Sorocaba, incluindo informações sobre diferentes espécies de plantas e animais.
Registro de eventos políticos (e/ou menção ao rio em nomes de instituições)	Textos incluídos nesta categoria têm como foco eventos políticos, como encontros e/ou reuniões entre instituições e/ou autoridades políticas. Em alguns casos, o debate não é sobre o Rio Sorocaba em si, mas o termo aparece na nomenclatura de um órgão específico (especialmente o Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Sorocaba e Médio Tietê).
Projetos de lei	Textos incluídos nesta categoria têm como foco projetos de lei, geralmente no âmbito das Câmaras Municipais da RMS, em que o Rio Sorocaba seja nominalmente referenciado ou em cujas discussões/repercussões ele seja mencionado.
Qualidade da água e poluição	Textos incluídos nesta categoria têm como foco o estado da água do Rio Sorocaba, sejam as conclusões positivas ou negativas (ou ainda textos em que a qualidade não é objetivamente determinada, mas é de alguma forma discutida).
Projetos de despoluição	Textos incluídos nesta categoria têm como foco projetos de despoluição do Rio Sorocaba, seja em referência a processos que ocorreram no passado, estão em andamento no presente ou são anunciados para o futuro.
Cultura, lazer, esporte & entretenimento	Textos incluídos nesta categoria mencionam o Rio Sorocaba como um objeto representado numa peça teatral, num livro, num documentário ou em qualquer outro produto da indústria cultural. Essa mesma categoria também engloba textos em que o rio é mencionado como um local de lazer, esporte e/ou entretenimento.
Do leitor: desassoreamento e/ou outras obras e serviços públicos preventivos	Textos publicados com a marcação “do leitor” são comentários dos leitores (por meio de cartas, e-mails ou comentários em mídias sociais) selecionados pelo jornal. Nesta categoria, os textos são comentários sobre obras e serviços públicos. Dependendo dos interesses da análise, estes textos podem ser aglutinados à categoria “Desassoreamento e/ou outras obras e serviços públicos preventivos”.
Do leitor: enchentes	Textos publicados com a marcação “do leitor” são comentários dos leitores (por meio de cartas, e-mails ou comentários em mídias sociais) selecionados pelo jornal. Nesta categoria, os textos são comentários sobre enchentes. Dependendo dos interesses da análise, estes textos podem ser aglutinados à categoria “Enchentes”.
Do leitor: descarte inadequado	Textos publicados com a marcação “do leitor” são comentários dos leitores (por meio de cartas, e-mails ou comentários em mídias sociais) selecionados pelo jornal. Nesta categoria, os textos são comentários sobre o descarte de objetos no rio. Dependendo dos interesses da análise, estes textos podem ser aglutinados à categoria “Descarte inadequado”.
Outros	Textos incluídos nesta categoria não atendem aos requisitos de inclusão de nenhuma das categorias anteriores.

Fonte: Dados da pesquisa, 2023

Resultados

Como principal resultado do processo de categorização, constatou-se que, dentre todas as 18 possibilidades temáticas empregadas pelo veículo em questão para representar e discutir o Rio Sorocaba, 24,68% dos textos trataram de enchentes ocasionadas pelo transbordamento do rio. Esses textos estiveram presentes principalmente no primeiro trimestre do ano (de janeiro a março), com o pico de ocorrências em fevereiro.

Na sequência, em segundo lugar quanto à quantidade de ocorrências, vêm os textos em que o Rio Sorocaba figura como ponto de referência, que representam 20,25% das ocorrências, mas não têm o próprio rio como foco da cobertura. Esses textos estiveram presentes no *corpus* em todos os meses do ano.

Em terceiro lugar, vêm os textos sobre obras e serviços públicos preventivos executados no rio, às suas margens ou em seus afluentes, geralmente obras de desassoreamento que, ao restaurar a configuração do curso d'água a uma mais próxima da original, ajudam a prevenir enchentes. Esses textos representam 18,35% de todo o *corpus* e estão presentes ao longo de todo o ano, exceto no mês de julho.

A partir da quarta posição, as porcentagens já caem consideravelmente: a categoria “Monitoramento do nível e da condição de barragens” representa 7,59%, enquanto, na quinta posição, a categoria “Datas comemorativas” representa somente 5,06%. Todas as demais categorias tiveram resultados inferiores a 4% e, mesmo juntas, elas não chegam a representar 25% de todo o *corpus*. Os resultados detalhados podem ser visualizados no Quadro 3 e na figura 1, logo na sequência.

Quadro 3: Quantidade de ocorrências e porcentagem por categoria

Categoria	Ocorrências	Percentual
Enchentes	39	24,68%
Localização (referência geográfica)	32	20,25%
Desassoreamento e/ou outras obras e serviços públicos preventivos	29	18,35%
Monitoramento do nível e da condição de barragens	12	7,59%
Datas comemorativas	08	5,06%
Qualidade da água e poluição	06	3,79%
Descarte inadequado	05	3,16%
Campanhas (serviço)	04	2,53%
Registro de eventos políticos (e/ou menção ao rio em nomes de instituições)	04	2,53%
Fauna e flora	03	1,89%
Cultura, lazer, esporte & entretenimento	03	1,89%
Do leitor: desassoreamento e/ou outras obras e serviços públicos preventivos	03	1,89%

Do leitor: enchentes	03	1,89%
Projetos de lei	02	1,26%
Projetos de despoluição	02	1,26%
Monitoramento do nível do rio (vazão de defluência)	01	0,63%
Do leitor: descarte inadequado	01	0,63%
Outros	01	0,63%

Fonte: Dados da pesquisa, 2024

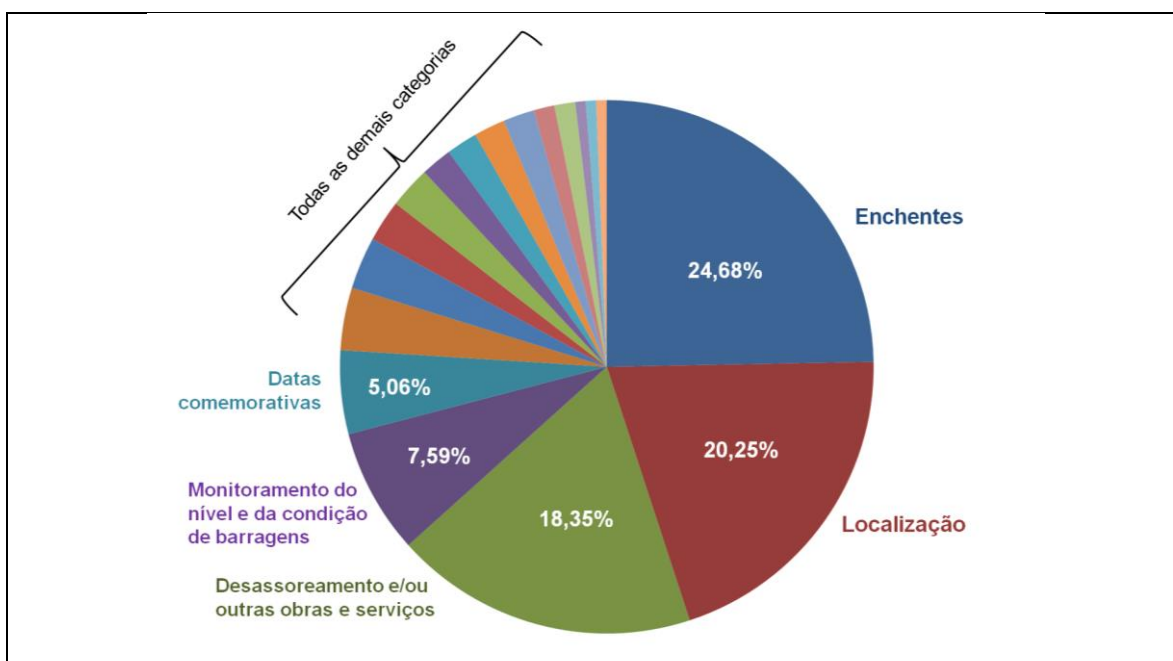


Gráfico 1: Representação gráfica dos resultados
 Fonte: Dados da pesquisa, 2024

Conclusões e considerações finais

Verificou-se, neste estudo, que, ao longo do ano de 2023, praticamente 25% das menções ao Rio Sorocaba no jornal *Cruzeiro do Sul*, o principal da RMS, trataram de enchentes causadas pelo transbordamento das águas do rio. Trocando em miúdos, isso significa que, a cada quatro textos publicados sobre o Rio Sorocaba nesse veículo, um diz respeito aos transtornos cotidianos causados pelo extravasamento desse corpo d’água.

É compreensível, portanto, que fevereiro tenha sido o mês com mais ocorrências de textos sobre o rio (mais do que o dobro da média de textos/mês), coincidindo com o período em que o índice de precipitação no município costuma estar mais elevado. Isso fica ainda mais nítido quando comparamos os gráficos referentes à quantidade de publicações

contendo o termo “Rio Sorocaba” a cada mês e a intensidade das chuvas no município no mesmo ano (ver figuras 2 e 3, na sequência).

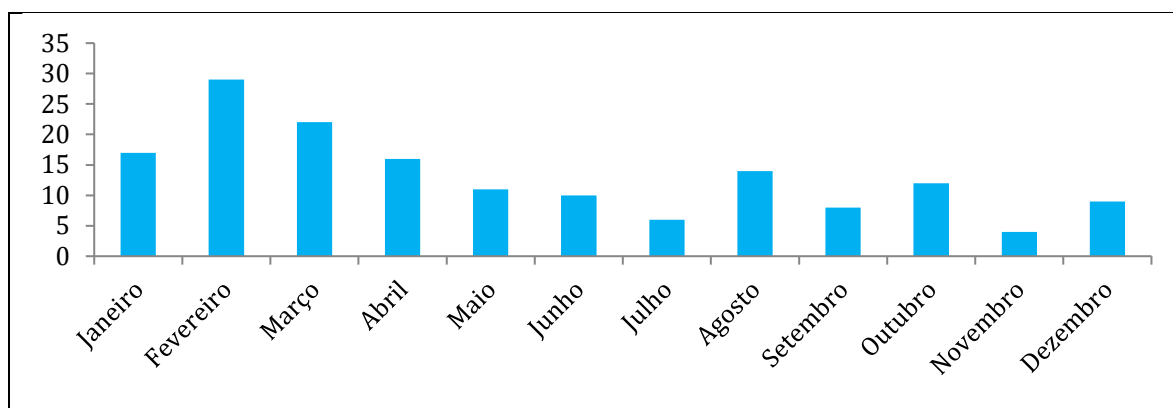


Gráfico 2: Quantidade de publicações
Fonte: Dados da pesquisa, 2024

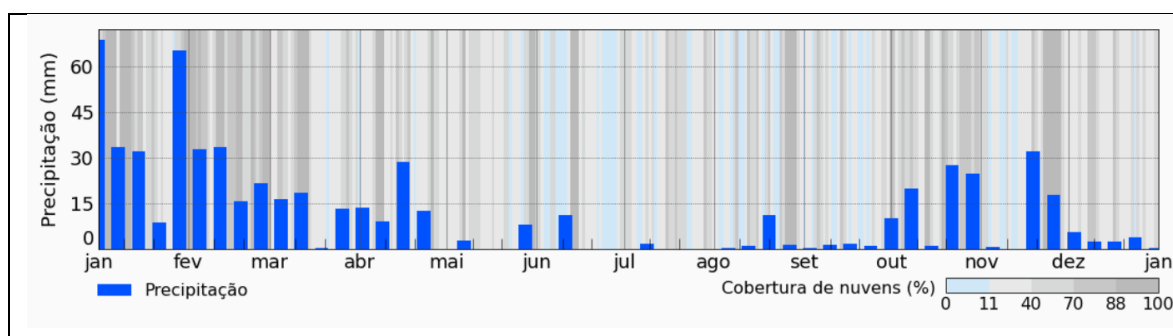


Gráfico 3: Precipitação em Sorocaba ao longo do ano de 2023
Fonte: Dados de precipitação em Sorocaba referentes ao ano de 2023 obtidos via meteoblue® (Arquivo Meteorológico, 2024)

Os dois gráficos apresentam variações bastante semelhantes, que, neste caso, representam mais do que mera correlação: parece haver, entre as publicações sobre o rio e o nível de precipitação, uma relação de causalidade, já que a ocorrência das enchentes, causadas, entre outros fatores, pelo aumento no nível do rio (por sua vez causado pelas chuvas), é o que motiva os textos *sobre as enchentes*.

Excetuando-se aquela categoria em que o rio é mencionado como mero ponto de referência, as demais categorias que vêm logo na sequência, “Desassoreamento e/ou outras obras e serviços públicos preventivos” (18,35%) e “Monitoramento do nível e da condição de barragens” (7,59%), também são consequências diretas dessa escolha por ter as enchentes como principal fator de noticiabilidade. Isso porque, enquanto os textos sobre

enchentes dizem respeito às enchentes que já aconteceram, esses outros textos dizem respeito às ações que agentes diversos (geralmente o poder público) tomam para prevenir as enchentes e, conseqüentemente, os transtornos a elas associados. O que os motiva continua sendo a mesma coisa, essencialmente.

De modo geral, esses resultados parecem indicar que os textos sobre o rio acompanham a sazonalidade das chuvas e, ao fazê-lo, associam o rio a estorvos à vida urbana, quer aqueles que já aconteceram (grosso modo, um quarto de toda a cobertura no ano de 2023) ou ainda se anunciam (somando as duas outras categorias, mais um quarto). Em outras palavras, interpreta-se que o rio é representado como um problema, um incômodo, um empecilho à vida humana na cidade.

Esse é um achado importante, por três razões. A primeira delas diz respeito ao principal objetivo deste estudo: identificar certos padrões na cobertura jornalística sobre o Rio Sorocaba na RMS, bem como possíveis lacunas nessa cobertura — a ideia de que, ao identificar o que *existe*, podemos tecer conjecturas sobre tudo aquilo que *está faltando*, talvez até ajudando a preencher essas lacunas. É certo que, ao menos no ano de 2023, metade da cobertura sobre o Rio Sorocaba esteve focada em informar sobre os transtornos relacionados ao corpo d'água quando ele não “se comporta” da forma como gostaríamos (e para a qual ele vem sendo modificado, “domesticado” ao longo das décadas), mas é discutível se essa informação cumpre qualquer função política (no sentido de mobilizar as pessoas a mudar atitudes, fiscalizar o poder público etc.) ou educacional (no sentido de entender os processos associados ao transbordamento dos rios, à formação de chuvas, à urbanização etc.), ou ainda se podem ser consideradas jornalismo ambiental, nos termos de Girardi (2018); se não o fizerem, então textos meramente informativos podem ser considerados alienantes, no sentido de que separam um processo (que é ecológico, socioeconômico, cultural etc.) do mero resultado desse processo: o rio como um problema e muito pouco além disso. Para a classe jornalística na RMS, esse resultado indica um potencial para explorar pautas que tratem não só das enchentes — inegavelmente impactantes à vida na cidade —, mas dos processos complexos que levam a esse resultado considerado mais noticiável.

A segunda razão diz respeito às conclusões culturais que podemos lucubrar a partir desse achado. Ancorados numa perspectiva construcionista por essência (considerando-se os agrupamentos de teorias do jornalismo e também a perspectiva culturalista), entendemos que os jornais não só *registram* o que e como uma determinada sociedade

pensa, mas também reforçam atitudes e comportamentos nessa dada sociedade, além de (junto às outras mídias não jornalísticas) influenciar mudanças nessas posturas, mesmo que paulatinamente. Os resultados obtidos neste estudo nos indicam certas formas de compreender e se relacionar com a natureza, especialmente com os nossos recursos hídricos — uma relação fundamentalmente antagônica, que compreende essa natureza como uma força contrária com a qual nós, humanos, estamos constantemente nos digladiando, no compasso das estações (ironicamente como se essa fosse uma batalha que nós pudéssemos algum dia vencer sem causar nossa própria ruína no processo). Compreender esses aspectos culturais da relação *homem-natureza*, ou *homem-água*, aspectos esses que perpassam as representações midiáticas, pode ser crucial para a gestão desses recursos, não apenas do ponto de vista técnico, meramente instrumental, mas de uma forma que considere os agentes humanos como seres culturais que existem *no e em função* do ecossistema como um todo, não *a despeito* ou *externamente* em relação a esse ecossistema.

A terceira razão está relacionada às duas primeiras e tem a ver com o jornalismo como instrumento de educação ambiental, em dois sentidos diferentes. O primeiro sentido tem a ver com a sua condição de educação informal:

[...] processo realizado ao longo da vida em que cada indivíduo adquire atitudes, valores, procedimentos e conhecimentos da experiência cotidiana e das influências educativas de seu meio — da família, no trabalho, no lazer e nas diversas mídias de massa (Marandino, 2017, p. 812).

Esse primeiro sentido diz respeito àquela educação que mais se assemelha à endoculturação, pois acontece fora de sistemas curriculares formais, sem mecanismos de controle senão aqueles autorregulados pela própria cultura. Neste caso, diz respeito à educação por meio da mídia jornalística em si (quando alguém aprende sobre questões ambientais por conta própria, ao ler um jornal). Mas também podemos considerar a(s) interface(s) entre essa mídia e a educação escolar: quando um professor, munido do jornal como um instrumento didático e imbuído de uma intencionalidade educativa, usa um texto jornalístico como parte de uma aula, assim operando um processo intencional de vinculação ao corpo teórico de uma dada disciplina, um processo adicional de transposição didática (Chevallard, 2013; Marcelino, 2018) que não é mais protagonizado pelo jornalista. Sabemos que isso acontece em diversos níveis, tanto no Ensino Superior (Profeta, 2022; Profeta,

2023b) quanto no Ensino Médio (Profeta; Oliveira, 2024; Ferreira; Tramallino; Vitorino, 2024), e potencialmente em outros.

Numa perspectiva de educação midiática, que envolve criar as condições para que educandos possam “participar de maneira crítica do ambiente informacional e midiático em todos os seus formatos” (Soares; Blanco, 2021), isso significa ainda incluir como parte dessas aulas não somente o texto jornalístico como um produto final acabado — um movimento que pode ser tanto informativo quanto alienante —, mas uma discussão sobre o todo do noticiário e o processo de seleção das temáticas que o compõem.

Por alienante, vale destacar, entende-se a falta de vínculo entre a parte e o todo:

Para Marx [...], a alienação se dá pelo trabalho, na fragmentação das ações e na incompreensão do todo do processo, ou, mais especificamente, pelo processo pelo qual os indivíduos são separados, de várias maneiras, do produto do seu próprio trabalho. A exploração desse trabalho pelo detentor dos meios de produção gera mais-valia, os excedentes dos custos que “sobram” ao dono dos meios de produção no fim do processo, na forma de lucro. A dominação do trabalhador se dá, assim, pelo trabalho, bem como pelo não conhecimento das etapas desse trabalho em sua totalidade. Consequentemente, e em última análise, o capital não é o dinheiro, tampouco o próprio meio de produção (a máquina em si mesma), mas toda aquela estrutura hierárquica naturalizada na sociedade que possibilita a existência da alienação. No que diz respeito à educação, a alienação fica caracterizada na relação (ausente) entre o conhecimento de base científica trabalhado na escola e o acesso àquele saber por estudantes alienados, ou pela falta de significado e/ou aplicabilidade que tal conhecimento tem, mesmo se acessado. Adorno e Horkheimer [...], ao conceituar a indústria cultural — referindo-se ao processo de produção em massa de produtos homogeneizados de entretenimento e cultura [...] —, também se debruçam sobre o processo de alienação, mas mais especificamente sobre a alienação que se dá por meio dos discursos repercutidos na indústria cultural, também controlada por classes dominantes que mantêm a circulação ideológica (Santos; Profeta, 2024, p. 13).

Essa ausência de vinculação entre parte e todo remete novamente à distinção que Girardi (2018) fez entre o jornalismo *sobre* o meio ambiente (aquele em que a contextualização mais ampla é inexistente) e o jornalismo verdadeiramente ambiental.

Portanto, numa ampla perspectiva que combina educação ambiental (por meio da mídia, em primeiro lugar, mas que também pode acontecer na escola) e educação midiática, utilizar a cobertura jornalística como objeto de estudo, desde que ela esteja devidamente contextualizada, pode servir como uma porta de entrada para (re)pensar aspectos mais intrínsecos e culturais das relações *homem-natureza* e, ao mesmo tempo, problematizar

nossas relações com as próprias mídias que, de alguma forma, representam as relações *homem-natureza* de acordo com vieses determinados.

Por fim, a título de continuidade, estes achados e estas reflexões podem, ainda, embasar outros estudos: outras Análises de Conteúdo, desta vez comparativas, com outros veículos localizados em outros municípios, regiões ou mesmo países, de modo a possibilitar discutir como diferentes tradições culturais podem impactar as formas de representar a natureza e os recursos hídricos, ou ainda comparações com outros períodos no mesmo veículo⁸; outras análises (como a Análise de Discurso) de partes estratificadas do *corpus*, de modo a compreender como certas temáticas são abordadas, por quais fontes etc., assim confirmando ou refutando a hipótese de que o jornalismo sobre o rio não é, de fato, jornalismo ambiental, em sua maior parte; análises de outros produtos da indústria cultural, não jornalísticos mas ainda localizados na mesma região, a RMS, verificando a viabilidade de se aplicar a mesma matriz de categorização construída neste artigo para compreender o jornalismo acontecendo como parte de um sistema mais amplo de comunicação (em relação à publicidade, às mídias sociais, à comunicação institucional etc.).

111

Referências

ARQUIVO METEOROLÓGICO Sorocaba. In: Meteoblue®. Disponível em: https://www.meteoblue.com/pt/tempo/historyclimate/weatherarchive/sorocaba_brasil_3447399?fcstlength=1y&year=2023&month=9. Acesso em: 9 set. 2024.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BUENO, W. C. Jornalismo ambiental: explorando além do conceito. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 15, p. 33-44, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/download/11897/8391>. Acesso em: 8 nov. 2023.

CHEVALLARD, Y. Sobre a teoria da transposição didática: algumas considerações introdutórias. **Revista de Educação, Ciências e Matemática**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 1-14, 2013. Disponível em: <https://publicacoes.unigranrio.edu.br/recm/article/view/2338>. Acesso em: 26 nov. 2024.

CRUZ, B. B. **Hierarquia ambiental e a ictiofauna de riachos de cabeceira da bacia do rio Sorocaba (SP-Brasil)**. 2013. Dissertação (Mestrado em Diversidade Biológica e Conservação) – Universidade Federal de São Carlos, Câmpus Sorocaba. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/1524?show=full>. Acesso em: 8 nov. 2023.

⁸ É nesse caminho que deve seguir a dissertação de mestrado da coautora deste artigo, no âmbito do mesmo projeto apoiado pelo CNPq.

Cruzeiro do Sul. Cruzeiro do Sul comemora 118 anos de compromisso com Sorocaba. **Cruzeiro do Sul**, Sorocaba, ano 119, n. 35.780, p. A14, 12 jun. 2021.

FERREIRA, E. M. de O.; TRAMALLINO, C. P.; VITORINO, C. C. Lectura de textos de divulgação científica em la enseñanza secundaria: um análisis de la práctica docente. **Linguagens, Educação e Sociedade**, v. 28, n. 56, p. 1-28, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/4961>. Acesso em: 18 jul. 2024.

GIRARDI, I. M. T. Um semestre muito especial: o surgimento da primeira disciplina de jornalismo ambiental. In: GIRARDI, I. M. T. et al. (orgs.). **Jornalismo ambiental: teoria e prática** [livro eletrônico]. Porto Alegre: Metamorfose, 2018. Disponível em: <https://jornalismoemeioambiente.com/wp-content/uploads/2018/09/jornalismo-ambiental-teoria-e-prc3a1tica2.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2024.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

MANFREDINI, F. N.; GUANDIQUE, M. E. G.; ROSA, A. H. **A história ambiental de Sorocaba**. Sorocaba: Unesp - Câmpus Experimental de Sorocaba, 2015. Disponível em: <https://www.sorocaba.unesp.br/Home/Eventos191/historia-ambiental-editora-ebook.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2023.

MARANDINO, M. Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal? **Ciênc. Educ.**, Bauru, SP, v. 23, n. 4, p. 811-816, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/cmjvH7v4mFZMsdjV5bWLJfM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 nov. 2023.

MARCELINO, C. G. Transposição e sequência didática. In: MARCELINO, C. G. **Transposição didática do tema “Água”**: um manual de uma sequência didática para o Ensino Fundamental e Médio. 2018. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procópio/PR. Disponível em: <https://uenp.edu.br/mestrado-ensino-dissertacoes/ppgen-dissertacoes-turma2/12640-carolina-guarini-marcelino/file>. Acesso em: 18 set. 2024.

MÍDIA KIT 2024 Jornal Cruzeiro do Sul. Disponível em: <https://bit.ly/3VPV5nW>. Acesso em: 9 set. 2024.

MOTTA, L. G. A análise pragmática da narrativa jornalística. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM.

PROFETA, G. A. C. P. Do museu à reportagem à sala de aula: a transposição didática de reportagens baseadas em fontes museológicas. **Comunicação & Educação**, v. 28, 2023b. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/212294>. Acesso em: 30 jan. 2024.

PROFETA, G. A. C. P. Práticas educativas voltadas ao letramento científico: mapeamento da utilização do jornalismo de CT&I como material didático numa universidade comunitária de São Paulo. **Quaestio - Revista de Estudos em Educação**, Sorocaba, SP, v. 24, p. e022031, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/4916>. Acesso em: 08 nov. 2023.

PROFETA, G. A. C. P. Quem fala sobre a crise da biodiversidade na grande imprensa?: Análise de conteúdo voltada à reflexão sobre educação ambiental. **Triade: Comunicação, Cultura e Mídia**, Sorocaba, SP, v. 11, n. 24, p. e023018, 2023a. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/5253>. Acesso em: 30 jan. 2024.

PROFETA, G. A. C. P.; OLIVEIRA, R. M. L. de. Potencial de utilização do jornalismo científico no Ensino Médio: Registro baseado em Observação Docente. **Linguagens, Educação e Sociedade**, v. 28, n. 58, p. 1–26. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/5738>. Acesso em: 11 set. 2024.

PROGRAMA DE DESPOLUIÇÃO do Rio Sorocaba. In: Serviço Autônomo de Água e Esgoto de Sorocaba SAAE. Disponível em: <https://www.saaesorocaba.com.br/programa-de-despoluicao-do-rio-sorocaba/>. Acesso em: 12 set. 2024.

SANTOS, R.; PROFETA, G. De professor a curador: Indústria cultural e a fabricação de flexibilidades no currículo. **Revista Espaço do Currículo**, v. 16, n. Ahead of Print (AOP), p. e68483, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/68483>. Acesso em: 21 dez. 2024.

SOARES, I. de O.; BLANCO, P. A urgência da educação midiática. In: AGUADED, I. et al. (coords.). **Currículo Alfamed de formação de professores em educação midiática: Alfabetização Midiática e Informacional na era pós-Covid-19**. São Paulo: Palavra Aberta, 2021. p. 5-9. Disponível em: <https://educamidia.org.br/api/wp-content/uploads/2021/10/2021-Curriculo-Alfamed-PT-final-1-compactado.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2024.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, M. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Submissão: 13 de set. 2024

Aceite: 22 de dez. 2024.